

Amizade em tempos de guerra

O dia amanhecera com sol na Síria, no entanto, o fumo provocado pela guerra tapava tudo o que era bonito de se ver nos últimos tempos.

Da janela, Peter olhava atentamente o que se passava no exterior. Tinha medo e sabia que, se saísse pela porta da sua casa semidestruída, acabaria como os seus amigos e familiares, soterrado no meio dos escombros. Só queria fugir daquele lugar, agarrado ao seu boneco favorito, oferecido pelo pai, antes da guerra.

Era uma mistura de nostalgia, medo e amargura o que se assistia na rua, no céu e nas casas e prédios destruídos... e centenas de pessoas tentando fugir. Vendo este caos, Peter teve uma ideia! No dia seguinte, tentaria fugir para o cais e sair num dos barcos que, ouvira dizer, resgatava pessoas que se encontravam na mesma situação.

Procurou arrumar tudo o que cabia na pequena mochila azul e preta, que pertencia ao irmão, que infelizmente também desaparecera sob os escombros.

Na manhã seguinte, o pequeno rapaz de 12 anos seguiu rumo ao cais, recordando, palavra por palavra, o que ouvira dos pais sobre aquele barco.

Ali chegando, um homem alto, forte, com mau aspeto, começou a chamá-lo, quase em surdina. Peter ficou com medo, pois não conhecia o homem de lado nenhum. Teria ele boas intenções? Poderia tê-lo confundido? Ainda assim, seguiu aquela voz e viu-se de repente num barco de borracha, onde já se encontravam mais quatro famílias, com crianças e bebés.

Sozinho, aceitou aquela “oferta”, mas havia um senão: não poderia levar nem a mochila nem o seu boneco. As lágrimas caíram-lhe pelo rosto, mas nada era pior do que continuar no horror do seu país. Atirou a mochila para o chão e abraçou com força o seu boneco. Saltou para dentro do barco e rapidamente percebeu o que o esperava: uma longa viagem à fome e ao frio, rumo a um futuro incerto.

Conseguiu ultrapassar com coragem a viagem e acabou por adormecer. Ao acordar, deparou-se com pessoas a gritar, bebés a chorar e, saindo do barco, estava já atrás de três rapazes com quem tinha partilhado aquelas horas e com quem ia agora partilhar o mesmo cenário de tendas e algumas latrinas à mistura. Descobriu, então, onde estava: num campo de refugiados algures na Europa. Mal sabia o que o esperava...

Os pais das outras crianças que com ele seguiam tinham sido presos, mas as crianças haviam sido acolhidas por voluntários de associações humanitárias que por ali se encontravam. Não conhecia ninguém, não sabia como ou com quem falar... nada parecia correr bem.

Era um rapaz tímido e medroso. O que lhe iria acontecer? Iria sobreviver?

No Afeganistão, o cenário era o mesmo. Vários terroristas invadiam a capital e os dias repetiam-se.

Sarah, de 10 anos, via-se obrigada a cumprir várias ordens que, por alguma razão, só se dirigiam a mulheres. A sua vida parecia virada do avesso desde que fora obrigada a sair à rua sempre de cara tapada e acompanhada do pai ou do irmão mais velho. Ali, não havia direitos, não podia ir à escola, não podia falar com nenhum homem e, se não cumprisse todas as ordens superiores, podia, como as outras mulheres, ser chicoteada até à morte.

O novo governo distribuía medo com a felicidade com que se dá um presente a alguém de quem gostamos muito. Os pais de Sarah não queriam, de maneira nenhuma, seguir aquele caminho de horror. Os filhos estavam a sofrer e eles, mais do que ninguém, queriam protegê-los.

Pegaram nos passaportes e correram para o aeroporto, onde estava prevista a descolagem do grande avião militar que acolhia milhares de afegãos assustados, a pensar numa vida melhor. Deparam-se com centenas de pessoas desnorteadas e cansadas, aos encontros umas contra as outras. Sarah sentiu as mãos grandes do pai a apertá-la com força, num misto de proteção e receio. Ao ouvir as portas a fechar, olhou uma última vez para o seu querido país e desejou correr de volta para casa, no entanto, sabia que isso tardaria a acontecer... se algum dia acontecesse.

A viagem foi longa e difícil. Ao aterrarem, viram-se num sítio cheio de barracas rasgadas e, surpreendentemente, repleto de crianças. Sarah estava confusa. Onde estariam?

Enquanto arrumavam os poucos haveres, Sarah ficou encantada com uma criança, aparentando ser da sua idade, que transportava um enorme balde de água. As semanas foram passando e a vontade da rapariga de o conhecer melhor tornava-se cada vez mais forte. Algo naquele rapaz, cujo olhar transparecia bondade, a cativava.

Um dia, ganhou coragem, e abordou-o. Soube então que era sírio e chamava-se Peter. A partir dali, faziam tudo juntos: corriam, brincavam, aventuravam-se por entre as barracas e falavam horas a fio sobre os respectivos países, até anoitecer.

Um dia, o pai de Sarah estava bastante atrapalhado, de volta da papelada que permitiria aos elementos da família serem considerados refugiados e poderem seguir a sua vida. Mas a menina nem ligou, só pensava em estar com Peter. Saiu da tenda bem cedo pela manhã mas o pai impediu-a, mostrando-se furioso por ela querer constantemente encontrar-se com o rapaz. Para o pai, Sarah devia, sim, apoiar a família e não afastar-se para estar com um rapaz que não lhes era nada. Sarah ficou indignada:

- Mas, pai, o Peter é a única pessoa que me compreende aqui! A guerra e tudo o que vivemos causa-nos tanta dor, todos devíamos ter um amigo, alguém em quem confiar! Em lágrimas, abraçou o pai, que ficou sem palavras, e correu, mais uma vez, para se encontrar com Peter.

Assim continuou a acontecer, dia após dia, semana após semana, até que chegou o dia de a família de Sarah partir. A pequena não conseguia controlar as lágrimas. Abraçou Peter e desejou que o tempo parasse. Aquela amizade em tempos de guerra tinha sido a salvação de ambos, fazendo-os quase esquecer onde se encontravam e por quê. Juntos riram, choraram, desabafaram, fizeram planos, construíram sonhos. E, na hora da despedida, prometeram que jamais se esqueceriam um do outro, na esperança de que a vida os voltasse a juntar.